Este é um livro que se centra nas dores do passado. Um livro sem medo de abordar traumas, de ver com olhos límpidos como se responde a situações limite.

É um livro que se centra no dever, na família, no amor e a sua capacidade de cura e como isso tudo se pode fundir com o fantástico.

Não posso prometer que o leitor que embarque nesta leitura será o mesmo que a termina.

Um enorme obrigado por essa coragem.

Espero que gostem.

Nuno Carvalho

as cicatrizes do tempo

nuno carvalho

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Playlist

Regal Ancestor Spirit | Yuka Kitamura

Opening | Tsukasa Saitoh

Character Creation | Shoi Miyazawa

Beast Clergyman | Shoi Miyazawa

Elphael | Tai Tomisawa

Lanterns | Lorne Balfe

Mat Cauthon | Lorne Balfe

Premonition | Yuka Kitamura

Akane no Mai | Ramin Djawadi

Stormveil Castle | Tai Tomisawa

New Beginnings | Lorne Balfe

Old Dead | Osi and the Jupiter

Mountaintops of the Giants | Tai Tomisawa

Útiseta | Osi and the Jupiter

Echoes of the Past | Lorne Balfe

Baldur | Osi and the Jupiter

Raeb's Lament | Bear McCreary

What Could Have Been (from Arcane League of Legends) | Sting, Ray Chen

AGRADECIMENTOS

QUERO AGRADECER EM PRIMEIRO LUGAR A CERI OSBORNE. SEM ela, este livro não tinha sido possível e passo a explicar. Os meus tempos de mestrado em Escrita Criativa no Reino Unido serão para sempre recordados com carinho. Mas lembro-me de que, além dos trabalhos e dos projetos em que estávamos a trabalhar, decidimos juntar-nos em grupo para debater ideias de escrita. Porque queríamos mais. E uma ideia da Ceri para um *writing prompt* começou por dar origem a uma versão muito inicial desta história. Uma imagem da Aelwen (embora na altura tivesse outro nome) surgiu logo na minha mente.

De facto, a primeira versão desta história não tinha qualquer elemento de fantasia e surgiu como projeto final de mestrado. Por isso, quero agradecer aos meus colegas de curso que deram uma primeira vista de olhos a essas palavras: Adrian Earle, Olivia Hodgson, Suna Afshan, Max Mulgrew e Naush Sabah. Quero agradecer também ao professor David Roberts por ter sido o meu mentor no projeto final e pelos seus fantásticos *inputs* ao longo de todo o projeto que ajudaram esta história a desenvolver-se.

Quando estas palavras se começaram a aproximar mais da versão que agora têm nas vossas mãos estavam escritas em inglês. Para ser verdadeiro, tentei publicar esta história no Reino Unido numa primeira instância, mas não tive o sucesso que desejava. Depois disso deu-se um longo trabalho de tradução do livro para português, de modo a arriscar outra vez, e já estava muito perto da versão que agora vai adornar as vossas bibliotecas. Nesse processo tenho de agradecer a Ana Rita da Costa (Belinha), a Alice Duarte, a Ana Catarina Cadima, a Andreia Mendes e, claro, à minha irmã, que é sempre uma das minhas primeiras leitoras. Aproveito também para deixar algumas palavras de apreço a todos os *beta readers* deste livro. O *feedback* de todos os que leram este livro antes de chegar às livrarias foi fundamental para continuar o meu trabalho e para limar qualquer aresta que ainda estava por limar. Que me permitiram ver o mundo que tinha nas minhas mãos com melhores olhos, as personagens que os habitavam ou até a ter acesso a palavras em português que a minha mente treinada no inglês nos últimos anos não conseguia vislumbrar.

As respostas às submissões deste livro em Portugal excederam as minhas expectativas. Por isso, sem qualquer sombra de dúvida, tenho de agradecer ao Luís Corte Real, à Célia Nogueira e a toda a equipa do Grupo Saída de Emergência pelo carinho que tiveram e têm comigo. Também tenho de agradecer ao Luís pelas sugestões que fez para o Prólogo e o Epílogo deste livro e por toda a comunicação e disponibilidade que teve comigo em todo o processo editorial. Quero que fique registado também o meu agradecimento a cada uma das equipas da Saída de Emergência que trabalharam neste livro e fizeram com que chegasse às vossas mãos (arte, *design*, paginação…)

Para não me alongar muito mais, quero deixar palavras de ternura e gratidão para amigos chegados e família. Sem vocês, este livro não teria sido possível. O vosso apoio e incentivo e acreditar foi o que me manteve a trabalhar neste livro mesmo durante longas horas após jurar que já não o podia ler mais. Foi o que me fez continuar a escrever as palavras que deixarei imortalizadas. Por isso quero que os vossos nomes fiquem aqui gravados também: Isabel Correia, Ágata Carvalho, Maria Isabel Lopes, António Carvalho, Shade, Shadow, Speedy e Sunny…

E, finalmente, mas também importante, quero agradecer a todos os leitores. Aqueles que deram e dão uma oportunidade a este livro. Sei o quão importante uma história pode ser na vida de alguém. Uma história boa, ainda mais. E eu espero que este livro seja isso. Que as palavras que estão aqui escritas toquem o coração de quem as lê. E que a pessoa que começa esta jornada seja diferente no seu fim.

NUNO CARVALHO,
JUNHO DE 2024

Dedicado à minha mãe e irmã.
As minhas luzes na escuridão...

PRÓLOGO
A MALDIÇÃO DE HRIDAL

Os mortais estavam a matar-se novamente. Hridal tinha observado um número incontável de guerras e o processo era sempre o mesmo. Mais cedo ou mais tarde acabariam no Mar de Almas — onde Hridal observava agora —, as suas vidas a cantarem num coro que acabaria por fundir-se com as correntes daquela dimensão, aquele limbo entre o reino físico e o dos mortos.

Quando partiam, todos eles sem exceção pediam mais tempo — mais tempo para viver, mais tempo para realizarem os sonhos, mais tempo com aqueles que amam.

A consciência de Hridal agitou-se naquela dimensão morta, naquela escuridão que sugava tudo. Tinha sentido tudo isto na guerra que definiu o futuro da sua espécie, sentido as vidas a escorrerem pela sua consciência à medida que as ceifou.

O Mar de Almas era uma prisão justa para o Eterno do Tempo. O mortal que a tinha criado, um Nae Vernier de uma luz sem igual, tinha-se certificado de que aquele lugar nunca poderia servir de refúgio para um Eterno. Para ninguém.

Hridal revivia os sentimentos de ira e revolta que o tinham atormentado durante séculos de cada vez que uma nova guerra se gerava. De cada vez que Nae Vernier, com a sua luz ofuscante, apareciam como pirilampos agitados naquele mundo tenebroso para influenciarem o mundo físico.

Essa era a verdadeira maldição de Hridal, viver tanto tempo com os sentimentos do passado que acabara por se tornar num mero observador impotente, mas com domínio sobre o mundo físico. Um domínio que não podia exercer e que fazia com que as guerras se repetissem. Que os mortais o esquecessem.

Brimirdal tinha-lhe deixado um legado de fascínio pelos mortais e ele aprendera a amá-los, independentemente das atrocidades que cometiam,

das guerras, daqueles que ainda o lembravam e o amaldiçoavam. Aqueles que o procuravam sem sucesso.

No seu âmago, Hridal queria rugir, contestar contra a vontade por aquela existência amaldiçoada depois de tudo o que vivera. Revoltar-se contra si mesmo e contra as decisões que tinha tomado. As juras que tinha feito.

UMA LUZ FUROU A ESCURIDÃO À MEDIDA QUE OS SONS DA guerra continuaram a espalhar-se. Um acontecimento raro: um mortal que tinha obtido o estatuto de Nae Vernier através das ações em vida.

Por vezes, Hridal tinha pena deles. O tempo provava sempre ser duro. Tanto o passado, o presente e sem dúvida o futuro. Acabavam sempre engolidos pela escuridão esfomeada do Mar de Almas.

Esta luz…

Era prateada… Como uma espada manuseada por mortais. Próxima de Hridal, do seu corpo no mundo físico. A aproximar-se? Nunca vira uma luz daquele tom!

Assim que a sua mente se concentrou no mundo físico, imagens de cumes de montanhas regressaram… Os cânticos de dezenas de ventos contraditórios. A forma como podia sentir cada passo dos animais, a centenas de metros dele. As águias a desafiarem os céus à procura de presas. As vozes fortes, agudas, graves mas gentis, das pessoas que viviam junto ao rio que nascia nas montanhas que Hridal tinha escolhido como o seu exílio.

E, mesmo assim, a luz continuava a aproximar-se, pulsando.

É um Nae Vernier sem pertença, quer aqui quer no mundo físico. Quero saber…

Algo naquela luz… Estaria a ver apenas o que desejava ver? Ou a voz da mente daquele mortal estaria a sussurrar algo que encontrava um eco no coração de Hridal? Liberdade da sua maldição?

Respirou fundo. Apenas tinha uma maneira de ter a certeza.

Brimirdal… Irmãos, irmãs… Perdoem-me.

Os ventos cantaram as suas canções numa música reversa. As águias e os restantes pássaros recuaram a meio dos seus voos. O inverno deu lugar ao outono, ao verão e à primavera… E quando se apercebeu, mesmo antes de aquela luz se apagar no Mar de Almas — mesmo antes do momento do seu nascimento —, um outro outono tinha chegado. Vozes velhas tinham-se tornado novas… Os animais ainda passeavam a centenas de metros, mas eram outras gerações.

E junto daquela luz prateada, outra tinha nascido — cor-de-rosa — como uma flor de cerejeira. A alguma distância. Mas algo as ligava.

Eu sou um observador — Hridal disse a si mesmo —, *nada mais do que um observador glorificado. Então, porque estou tão determinado a observar a vida destes mortais? O que é que desejo? Porque é que quebrei os meus juramentos?*

A consciência de Hridal agitou-se no Mar de Almas, movida por um instinto que ele não experienciava há séculos…

Com um determinado mas gentil toque, Hridal tocou com a sua mente nas luzes que desafiavam a escuridão do Mar de Almas.

CAPÍTULO 1
UM CÉU CINZENTO

— ... Eles estão aqui! Pelos Eternos, eles estão aqui!

Pulsação. O batimento de um coração dentro do crânio.

— Fora! Todos vocês cá para fora!

O bater do coração afogou o som das vozes. Aqueles batuques eram a única coisa real. Sem visão. Sem toque. Sem cheiro… Não… havia cheiro. Algo a queimar. Distante. Mas a aproximar-se.

— Se ficares, morres.

O cheiro a cinzas. Dedos a fecharem-se à volta de um pulso.

— Se entregarem todas as vossas armas, renderem-se e abandonarem as vossas casas de forma ordeira, nenhum mal cairá sobre vocês.

Chamas gritaram à medida que devoravam. Gargantas imitaram o som. Com elas veio uma canção desesperada. Aço a encontrar-se com aço. Berros de terror. Mas a escuridão permanecia como um véu permanente. E o cheiro a cinza. Os dedos à volta do pulso.

— …fugir! Por favor, deixem-no fugir! Façam o que quiserem comigo, mas deixem-no fugir!

Os dedos à volta do pulso desapareceram.

— …e eu que pensava que uma vilazita como esta apenas tinha madeira e carne para oferecer às chamas.

— CORRE!

Um som permeado de medo e de loucura.

OS OLHOS DO RAPAZ ABRIRAM-SE.

Um céu cinzento. Nuvens de tons variantes de escuridão percorriam-no à medida que corvos faziam danças de grupo em ondas, todos a cantarem a mesma canção esfomeada.

A sua mão magra estava levantada. O rapaz não sabia dizer há quanto tempo estaria assim. Parecia que o céu estava a chorar. Mas não estava a chover. Parecia… errado estar a chover naquele dia.

Cinza caía do céu. Os flocos repousaram na sua palma, formando pequenas colinas na pele.

O rapaz tentou mexer-se, mas soltou um gemido que provocou uma

pausa na dança dos corvos. Tinha batido com a cabeça a certo ponto. As pequenas colinas de cinza caíram da sua mão quando a levou à têmpora. O sangue naquele local estava espesso, duro, crostoso. Escuro.

O resto dos sentidos começaram a acordar. Além do cheiro a cinza veio o cheiro a madeira queimada, carne queimada… E os corvos não eram os únicos a cantarem…

As moscas… As moscas estavam por todo o lado, a sua canção enlouquecedora a saltar de corpo em corpo… Corpo em corpo como se fossem trapos de um enorme cobertor negro, repousando sobre olhares acusatórios, olhares envidraçados.

O rapaz estava numa pequena colina repleta de mortos.

Os mortos não se importavam se as moscas repousavam nos seus olhos, nos seus braços ou corpos… Com os flocos de cinza... Os mortos não se importavam com o sangue que a terra bebia. Mãos, dedos e pulsos tinham sido separados dos seus donos. Órgãos a escaparem para o exterior.

Com uma inspiração súbita, o rapaz ignorou a dor na têmpora e ajoelhou-se na terra pintada de sangue, vomitando em seco. Apenas saliva caiu dos lábios. A têmpora pulsou ao ritmo de um coração desenfreado.

Na distância, a menos de setecentos metros, uma aldeia era consumida por furiosas chamas cor de laranja e vermelho. Não era uma aldeia grande, antes pelo contrário. Quando caísse a noite, o rapaz duvidava que restassem casas intactas.

— Lorde Wren! — chamou uma voz. O som súbito alarmou o rapaz, mas as suas forças tinham sido drenadas. Era como se estivesse colado ao chão. — Encontrei alguém.

Passos aproximaram-se. Como é que ele não tinha reparado nas figuras a moverem-se por entre os mortos? Os instintos suplicavam-lhe para se levantar e fugir, mas tudo o que o rapaz conseguiu foi uma queda de cara na terra, mesmo de joelhos. Tossiu. Uma tosse seca e persistente que o fez amaldiçoar-se.

Quatro figuras rapidamente rodearam o rapaz. Apenas conseguia ver as suas botas e grevas de placas carmesim, pintadas com cinzas e lama. E sangue.

O rapaz tentou erguer-se novamente, empurrando-se do chão. O cotovelo cedeu e ele caiu de novo com o ombro e a cara na terra. A dor na têmpora pulsou pelo corpo. Ele gritou contra a terra e tentou novamente, mas o resultado foi o mesmo.

Então, uma mão forte agarrou a gola da sua camisola e obrigou-o a levantar-se e manter-se firme.

— Lorde Wren… — A voz escondia um aviso nas suas palavras.

Uma mão enorme forçou o rapaz a levantar o queixo. A cor na sua cara fugiu.

O homem diante dele tinha facilmente mais de dois metros de altura, um aspeto bruto, e os seus membros eram tão grossos como pedaços de ferro por trabalhar. A sua armadura de carmesim era diferente da dos outros três homens que o acompanhavam. Ouro delimitava os seus contornos: na couraça, nos guantes, nas placas das pernas. O rapaz reparou num elmo junto a um enorme braço, do mesmo carmesim e ouro. Fazia lembrar a cabeça de um enorme inseto, embora a boca estivesse coberta e protegida, com dentes de ouro cravados de forma a desenharem um monstruoso sorriso. Uma estreita abertura um pouco acima deles permitia que os olhos vissem o mundo exterior.

— É apenas uma criança, Garth. — O homem tinha uma voz profunda, como se surgisse do interior de uma caverna, fazendo com que todos os ossos do rapaz vibrassem.

Olhos claros, azul misturado com cinzento, analisavam cada centímetro do rapaz, embora ele não pudesse dizer se cintilavam de aprovação ou não. Cabelo longo, escuro como as penas de um corvo, pendia da cabeça do homem, atado num nó à altura do pescoço, que fazia com que o resto do cabelo chegasse até ao meio das costas. Suor e cinza pintavam as faces.

— Estás sozinho? — perguntou o homem alto, ajoelhando-se com o som de metal a protestar. Não soava muito a uma pergunta. — Viste outros sobreviventes?

O rapaz fitou os olhos do homem. Era tudo o que conseguia fazer. Fazer com que os lábios funcionassem parecia tão possível como ter-se erguido do chão sem ajuda.

— Estou a ver. — O homem dirigiu o olhar para as suas costas, para um dos homens que o acompanhavam. Tinha o cabelo castanho, curto e colado à testa com o suor. — Os nossos médicos devem estar algures, Garth… Que vejam as feridas do miú…

— Lorde Wren…

— Não quero ouvir protestos. — O rapaz estremeceu. Por um momento, pensou que um relâmpago tinha caído algures. Lorde Wren voltou a dirigir-lhe a atenção.

— Mantém-te direito sozinho — ordenou, levantando-se, sacudindo a sua armadura de cinza e terra e libertando o punho do colarinho da camisola do rapaz.

Este manteve-se direito apesar dos seus pés inquietos, apesar de sentir o mundo a deslocar-se debaixo dele, todas as imagens a misturarem-se.

Lorde Wren acenou com a cabeça como se não esperasse outro resultado, exibindo um breve sorriso. O rapaz lembrou-se de um lobo, embora não tivesse qualquer recordação de ter visto algum. Não tinha recordações de nada, exceto daquele dia.

— Tens nome?

O rapaz olhou para cima. O céu estava igual a antes. Os corvos continuavam a crocitar as suas canções. As nuvens ainda estavam cheias. Cinza ainda caía do céu. Não se conseguia lembrar de nada. Exceto daquela colina e dos corpos. Ofereceu a Lorde Wren outro olhar vazio.

— Muito bem. — O gigantesco homem levou uma mão ao queixo. Pequenas gotas de carmesim sujavam as suas bochechas. — Vamos ver… Como é que te vou chamar?

— Ele parece que podia ser vosso filho — disse um dos homens atrás do Lorde Wren. Não Garth. Este tinha um sorriso perturbador sem vários dentes.

— Parece? — Lorde Wren baixou-se novamente, varrendo o rapaz com os seus olhos frios. — Talvez. O mesmo cabelo preto, olhos claros. Mas é demasiado magro. E não gostei da indireta de que tenho um aspeto tão velho para ter um filho da idade dele.

— Sim, Lorde Wren — o homem fez uma vénia rápida. — As minhas desculpas, Senhor.

— Podia ser o seu tutor. — Lorde Wren parou para admirar o seu elmo durante uns momentos. Uma arma estranha estava enterrada na terra junto a ele. Longa. Como uma mistura entre espada e lança.

— Gosto do que vejo nos seus olhos. Mesmo que ainda não fale. Certifica-te de que o rapaz não é… especial, Garth. Se alguém perguntar, diremos que ele é meu primo, ou irmão bastardo, embora os Eternos saibam que o meu pai…

— Lorde Wren — interveio Garth, como se quisesse colocar-se entre o homem e os seus pensamentos. O rapaz preferia tentar pegar naquela arma e fugir do que fazer isso. — O vosso pai…

— O meu pai é um velho. — O rapaz arrepiou-se de novo à medida que aqueles olhos frios se concentraram em Garth, uma linha curta nos lábios,

a cara suja de sangue e cinza. — Morrerá em breve. E não precisa de saber disto, percebem?

Os olhos viajaram para os outros homens.

— Pelo menos para já. Quando for chefe da família, tornarei oficial a adoção do miúdo.

— O que é que lhe iremos chamar, então? — questionou o terceiro homem para quebrar o silêncio desconfortável que se tinha instalado. Tinha feito esquecer as moscas e os corvos e os gritos das chamas.

— Alun. Alun Wren. — A voz do Lorde Wren começou a ecoar à medida que o elmo se fechou à volta da cabeça. — Gosto do som do nome. Garth! — chamou, levantando aquela arma enorme do chão e apoiando-a num ombro como se não pesasse nada. — O rapaz está agora a teu cuidado. Certifica-te de que ele tem algum talento a lutar.

O elmo em forma de cabeça de inseto virou-se para as outras figuras.

— Quanto a vocês, certifiquem-se de que não mataram todas as mulheres daqui. E queimem estes mortos! Gostaria de estar longe daqui quando esta aldeia se tornar numa ruína queimada e a apodrecer.

CAPÍTULO 2
UMA LIÇÃO

Para Aelwen, a primavera sempre teve um cheiro imutável. Terra e erva molhada, a fragrância fresca da flor de cerejeira… E todos eles sempre acompanhados pelo breve gemido do vento. Durante anos, Aelwen não se recordava de nada disso mudar. Agricultores nos limites de Wrendre — a cuidarem de campos de milho ou centeio — cantavam a altas vozes à medida que trabalhavam de forma rítmica com as suas foices, ou reparavam instrumentos com os seus martelos, e a essas músicas juntava-se o distante batuque rítmico de um ferreiro. O Hridalvrir — o rio que cortava caminho pelo centro de Wrendre — adicionava um outro ritmo a esta melodia, à medida que outras vozes, a clamarem os seus produtos no mercado da aldeia, forneciam a essa melodia um refrão forte.

Os passos dos guardas da Casa Wren assemelhavam-se a tímidas palmas à medida que patrulhavam as ruas, as suas botas ou sandálias a remexerem a terra, vestidos de carmesim e ouro, duas espadas nas suas cintas, uma mais longa do que a outra.

Como era na primavera — como era a qualquer altura do ano, na verdade —, o vento vindo do Sepulcro de Hridal recordava ao mundo as lendas associadas àquela cordilheira de montanhas, especialmente quando trazia o frio que se dizia reinar constante naquelas pontas escuras e afiadas, sempre dotadas de neve. Aelwen não se conseguia esquecer das pessoas que tinha visto partirem rumo ao Sepulcro, em busca de perseguir a veracidade das lendas, de encontrar, finalmente, o último dos Eternos. Hridal, o Eterno do Tempo. E, como sempre, apenas algumas dessas pessoas regressaram dessa missão fracassada, outras nunca o fizeram.

Os rebentos de cerejeira rodaram no ar em padrões complexos — vindos de um lado qualquer —, criando figuras fugazes quando aquele vento do Norte soprava com mais força, como se estivessem presos por cordas invisíveis.

Aelwen inclinou a cabeça. Não era incomum para o vento trazer consigo outros sons e cheiros na sua travessia por Wrendre. Ela perdeu a conta

das vezes que ouviu pedaços de conversas perdidas que não deveria ouvir. Homens a praguejarem junto ao rio quando um peixe fugia, quando cheirava o aroma convidativo de uma refeição acabada de cozinhar, ou o cheiro de um corpo suado quando os guardas da Casa Wren se aproximavam num dia mais quente. Aelwen não esperava, no entanto, reconhecer no vento a voz do seu pai. Especialmente vindo de um lugar que parecia longe do mercado — de onde ela tinha vindo — e àquela hora.

O pai de Aelwen, Cai, tinha trabalhado durante anos para conquistar um lugar permanente nas bancas do mercado. Um talhante que também vendia o couro e o pelo dos animais.

Aelwen sorriu à medida que sentiu os conjuntos de tecido e outros materiais nos sacos nas suas mãos. Para a sua mãe, Eira, que era costureira. Mais uma numa longa tradição de mulheres costureiras na família de Aelwen. Não era muito importante para Aelwen, mas era para a sua mãe. Muitas vezes lhe tinha sido contado a honra que a família tivera em costurar o vestido para a noiva do Lorde Mervayn Wren. O velho lorde, que estava a morrer na mansão no topo da colina mais alta de Wrendre. Não aquele que tinha ido esmagar a rebelião perto de Mirdia. *E todos não se esquecem de me referir a influência que a Casa Wren tem com a família real.*

Aelwen fez um esforço para não revirar os olhos. A Casa Wren tinha sido apontada pela família real como os senhores de Wrendre há gerações. *Duvido que esta aldeia tivesse outro nome antes deles.* Mas Aelwen não podia dizer nada sobre os Wren em si… Como dizer algo sobre alguém que nunca tinha conhecido? Que nunca tinha visto a interagir com o povo?

O povo de Wrendre… Isso era diferente. Aelwen *conhecia* essas pessoas. E as histórias que podia contar…

Aelwen sentiu dores por sarar dentro dela. Os insultos das outras raparigas devido ao seu corpo frágil e pálido. A forma como a olhavam por causa de algo que tinha acontecido aquando do seu nascimento, mas de que tanto a sua mãe como a sua avó se tinham recusado a falar. Eira sempre foi carinhosa com Aelwen. Sempre repleta de amor, compaixão e paciência. Mesmo quando percebeu que a tradição das mulheres da família não era o sonho de Aelwen. Mas quando Aelwen perguntou a Eira o porquê de as outras raparigas a tratarem como tratavam… Nunca tinha visto os olhos verdes da sua mãe a ficarem tão frios.

E os rapazes… Mais uma vez o corpo e a pele pareciam ser a sua maldição. Muitos aproveitaram as oportunidades que as feridas das outras

raparigas abriram, jurando protegê-la, fingindo-se amigos dela. No princípio, Aelwen ficou contente de ser aceite por eles… Mas o olhar de muitos mudou à medida que cresceu. *Mas tudo acabou por ser mentiras… Acaba sempre assim?*

Não foram raros os casos de rapazes que acharam que o amor e a aceitação — que deviam ser oferecidos naturalmente — fossem algo que merecesse recompensa. Que alguém como Aelwen devia sentir-se lisonjeada por ser olhada e desejada.

Sim, Aelwen sentia-se só em Wrendre. Nos treze anos que vivera na aldeia, parecia que a cada dia que passava apenas se sentia mais sozinha. A cada dia parecia que o simples facto de nascer fora um enorme erro e que tinha de pagar e ser lembrada disso constantemente.

Por isso, para Aelwen, Wrendre apenas era habitada por três pessoas: ela, a sua mãe e o seu pai.

Essa foi a única razão que a levou a seguir a brisa que o Sepulcro de Hridal lhe tinha trazido. O seu pai podia estar em apuros, ou talvez tivesse decidido agir como um homem demasiado forte para a sua idade — já tinha lesionado as costas uma vez ao trazer sozinho um carrinho de mão repleto de carne e peles de animais para a sua banca — e os Eternos sabiam o quão teimoso ele era capaz de ser para pedir ajuda a alguém.

O vento conduziu-a a ruas que Aelwen não tinha memória de alguma vez ter percorrido, quase para junto das fronteiras de Wrendre. Aelwen não conhecia quase ninguém desta parte da aldeia — não que Wrendre tivesse uma população muito numerosa — e, honestamente, ela não tinha qualquer interesse em começar a conhecer. Aqui, as casas estavam todas amontoadas como pilhas de madeira cortada, usando as colinas circundantes para reforçar esse aspeto. Aelwen perguntou-se como essas casas sobreviviam às temperaturas mais extremas do inverno, tão expostas e parcas.

Ouviu o barulho outra vez.

Ao dobrar o canto de uma casa, o coração de Aelwen acalmou-se durante um momento. Ela viu a silhueta forte do seu pai, vestido com uma camisola verde e calças cinzentas simples, inclinado contra uma parede.

— Pa…

Então Aelwen viu a outra mulher. Parte da sua saia castanha tinha sido puxada para baixo, e a camisola da mesma cor quase rasgada, expondo parte da sua pele que brilhava com o toque do sol.

O coração de Aelwen bateu como um furioso tambor, o sangue a bombear no crânio. A mão do seu pai não devia estar a desviar a saia daquela

mulher. A sua voz não devia estar tão faminta e entusiasmada como a de um rapaz. Nem devia estar a respirar tão rapidamente como um lobo, com a presa entre os dentes após uma longa caçada.

Aelwen parou de respirar. Ela queria gritar. Queria disparar em direção ao seu pai e pontapeá-lo, esbofeteá-lo, esmurrá-lo, prender-lhe os braços, mas os seus membros pareciam tão pesados como pedra.

Os materiais que tinha comprado para a sua mãe caíram com um ruído surdo na terra, uma pequena e castanha nuvem a levantar-se em protesto.

O vento tocou violentamente na cara e no cabelo de Aelwen e nas suas roupas. A lágrima a cair pela sua bochecha era gelada contra a pele.

— Pai. — A voz parecia que não lhe pertencia. Havia nela uma dureza que nunca tinha ouvido.

Cai parou. *Congelou* era uma palavra melhor. As suas mãos repousaram onde estavam antes, mas ele não se atreveu a movê-las um centímetro mesmo com a força plena do sol sobre ele. A mulher, com olhos escuros como a sua camisola, fitou Aelwen com choque. Então, sem mexer a cabeça, olhou para Cai.

Uma brisa dançou finalmente, como se o mundo tivesse sustido a respiração num momento e tivesse congelado aquelas três pessoas em Wrendre, impedindo-as de falar, de se moverem…

Para um homem com quase quarenta anos, Cai conseguia mexer-se rapidamente quando queria. Virou-se para Aelwen num segundo, libertando as mãos da mulher, o seu cabelo escuro, num tom de castanho igual ao de Aelwen, a capturar breves raios de sol. A parte superior das suas faces estava imersa em sombras.

— Aelwen… — começou, levando as mãos ao seu amplo peito, como se Aelwen lhe estivesse a apontar uma espada. Por um momento, Aelwen desejou isso. Como desejava ter uma arma…!

— Pensa *bem* antes de continuares — novamente, aquela frieza na sua voz surpreendeu-a. Os olhos esmeralda de Aelwen, uma herança da mãe, encontraram os olhos da outra mulher.

Não foram precisas palavras. Como se tivesse acordado de um sonho, a mulher agarrou-se à sua saia e camisola e desapareceu para as sombras das casas amontoadas daquela parte de Wrendre.

— Sei que o que viste…

— Como pudeste?! — Aelwen sentiu algo a estalar dentro dela. — Depois de tudo!

— Aelwen… — repetiu Cai. Os seus olhos fizeram-na lembrar um cão acabado de levar um raspanete.

— Não quero o meu nome a passar nos teus lábios! Não depois… daquilo!

Cai baixou a cabeça, toda a sua expressão engolida pelas sombras.

Durante minutos ninguém falou.

— Significou alguma coisa? — perguntou Aelwen finalmente. Ela viu a confusão a retorcer a cara de Cai e fez um esforço para não se atirar a ele com toda a raiva que sentia. Ter de se explicar… — Tudo o que vivemos. Eu. A mãe!

— Aelwen, claro que…

— Então como foste capaz?

— Há coisas que não entendes…

— E há coisas que tu devias entender! — gritou. Aelwen não queria saber se alguém a ouvia. — Sabes como fui tratada durante todos estes anos. Por causa da maneira como vivemos. Por causa da forma como a mãe continua a agarrar-se à sua arte. Ninguém diz nada — estamos em Wrendre afinal —, mas eu vejo-o nos seus olhares!

— Aelwen, não é…

— E agora fazes *isto*? Pensaste na mãe nem que fosse por um segundo? Pensaste em mim? Nem consigo imaginar a cara dela quando eu lhe di…

— Aelwen, por favor! — Cai deu um passo em frente com uma urgência esfomeada. Um predador novamente. O primeiro instinto de Aelwen foi dar um passo atrás, mas engoliu em seco e obrigou-se a ficar firme exatamente onde estava. — Não lhe podes dizer.

— E porque não? Porque é que deveria importar? Tu não tiveste qualquer problema em enfiar as mãos e os lábios naquela…

Os olhos de Aelwen dilataram-se. Cai tinha-a alcançado com dois enormes passos, uma mão a bloquear a maior parte da luz do sol. Uma longa sombra cobria parte da sua cara e do pescoço. Ele estava prestes a bater-lhe. O seu pai tinha a coragem de lhe bater.

— És…— Aelwen tentou lutar contra as lágrimas que queriam vir e viu-se incapaz de as travar. Picaram-lhe os olhos, descendo pelas bochechas como se a quisessem punir por ter estado ali, naquele dia, àquela hora. Ela *não iria* deixar que as suas palavras tremessem. — És sequer a mesma pessoa que jurou que iria proteger-me para sempre quando eu chegava a casa a chorar? Que me carregou nos ombros pelas florestas a contar-me as

histórias de Hridal e dos Eternos e as batalhas de antigamente? Que brincou comigo quando mais ninguém brincava?

As emoções de Cai eram transparentes no seu rosto, cada uma a lutar por controlo, que Aelwen julgou por um momento que aquele homem não tinha sido o mesmo que ela tinha visto a trair a sua mãe, minutos antes. Um pesadelo, talvez. Só um pesadelo. Mas a angústia, tristeza, raiva… Tudo isso estava escrito nos olhos de Cai. Não havia ali sombras, agora. A luz do sol da primavera brilhava nos seus olhos beges sem qualquer impedimento.

Tão rapidamente como a tinha alcançado, Cai ajoelhou-se na terra, os seus punhos a baterem repetidamente nos grãos claros e secos.

— Por favor, Aelwen… — A sua voz era uma coisa fraca e trémula. Aelwen não reconheceu aquela voz. Não sabia que o seu pai podia fazer aquela voz.

Mas hoje é um dia de descobertas.

— Eu faço qualquer coisa… Qualquer coisa. Não lhe contes.

Aelwen não se conseguiria mexer mesmo que quisesse. Algo no seu interior transformou-se ou quebrou, à medida que ela observou o seu pai dobrado, de costas para o Sol, o seu cabelo escuro a brilhar, a cara no chão.

— Estou a implorar-te — continuou. — Não lhe contes.

Tudo acaba em mentiras…

— Peço-te, peço-te, peço-te… — Cai repetia enquanto chorava. — Não lhe contes, apenas não lhe contes…

Aelwen sempre pensou que, apesar da maneira como tinha sido tratada, ela entendia Wrendre. Ao mesmo tempo, conseguia ter um breve entendimento do mundo. Ela sempre imaginou que o mundo era apenas um conjunto de infinitas repetições da sua aldeia, como ondas num lago, mas em escalas maiores, onde as únicas pessoas em que se podia apoiar e realmente confiar eram a sua família. Ao ver as ações de Cai… Ao ver Cai preparado para lhe bater… Ao ver Cai quebrado e patético junto aos seus pés, quando sempre fora tão forte e orgulhoso...

Nós mesmos… Só podemos depender de nós mesmos, não é? Mesmo que tenha nascido fraca, arranjarei forma de me fazer forte. Um coração tão duro como uma espada.

E Aelwen queria entender mais outra coisa, por mais doentio que parecesse. Aquela outra mulher… Ela tivera poder sobre Cai. Mesmo que tivesse sido por momentos… Ele tinha sido dela, tinha esquecido família, honra… Tudo. E tinha sido capaz de deitar isso tudo a perder para manter o segredo se Aelwen nunca o tivesse confrontado.

Se ela percebesse… Ela nunca mais seria fraca. Nunca mais seria uma rapariga tonta.

— Não lhe vou contar. — A voz de Aelwen era tão fria como o rio Hridalvrir durante o inverno. — Mas nunca mais vais ouvir-me chamar-te pai novamente, Cai. Um pai não faria o que fizeste.

Cai olhou-a, linhas brancas nas suas bochechas onde as lágrimas tinham passado e limpado a terra da pele. Os seus olhos mostravam uma nova dor.

— Vai-te embora. Para casa, para a tua banca, não quero saber. Muda de roupa, encharca-a de sangue, queima-a, atira-a para o Hridalvrir. Mas eu não quero o cheiro daquela mulher na nossa casa.

Aelwen virou as costas e sentiu a cara a torcer-se com a dor daquele dia pela última vez.

— Não vou contar à mãe, Cai. Mas se lhe deres razões para perguntar… não vou mentir.

CAPÍTULO 3
DUAS MENSAGENS

Seis anos depois

O vento abanou as abas da tenda de Lorde Godred, trazendo consigo uma brisa tão quente como o calor insuportável do dia, ou perto disso. Alun observou o acampamento do exército nos breves momentos em que as abas se mexeram, certificando-se de que as tochas de vigia estavam nos devidos lugares, ou que marcavam os sítios onde as patrulhas de sentinelas deveriam estar. Certificando-se de que nada tinha mudado. Mesmo num dos cantos da tenda, mergulhado nas sombras, eram poucas as coisas que escapavam ao escrutínio dos seus olhos azuis-acinzentados. Rapidamente voltaram ao interior.

O conselho de guerra de Godred Wren estava reunido para a sessão noturna e Alun não confiava nos homens que o compunham. Quase todos. Garth era, claro, a exceção, com algumas madeixas cinzentas a decorarem o seu curto cabelo castanho, olhos escuros a refletirem a luz das velas na grande mesa de carvalho, no centro da tenda onde estava sentado. Por vezes, Alun ouvia as chamas a comerem pavio e cera à medida que dançavam. Garth era confiável, claro, porque Garth nunca hesitava em montar o seu cavalo e juntar-se à batalha para esmagar os rebeldes de Baglen, apoiados pelo dinheiro de Mirdia. E Garth servia a Casa Wren desde jovem. Os outros homens, embora se intitulassem generais, faziam pouco mais do que pavonear-se em cima dos seus cavalos durante as batalhas. A observar. Alun sabia que a liderança era importante, mas um comandante devia ser um exemplo para os seus homens. Assim era com Garth. Assim era com Godred Wren. Esses generais tinham vozes poderosas e parecia que isso era a única coisa para a qual eram bons. Gritar ordens.

Lorde Godred tinha escolhido Garth para liderar os homens do exército dos Wren quando a sua atenção estivesse dividida, ou quando as ocasiões o obrigassem a ficar longe do campo de batalha. E Garth era um exemplo. Pelo menos, os outros generais tinham trazido homens para fazerem diferença no campo de batalha. Disso, Alun não se podia queixar.

— …isto só pode significar que estão a ficar desesperados, Lorde Wren! — O General Vallus estava a explicar, com voz grossa e lenta. Ele falava sempre com Lorde Godred como se ele fosse simples. — Porque deveríamos ceder a qualquer exigência — perdoe-me, mas é uma exigência ridícula —, especialmente agora?

— Vou ter de concordar com o General Vallus, Lorde Wren. — O General Bedo pousou uma mão inconsciente no mapa que representava a secção leste de Mirdia, deslocando uma peça de carmesim e ouro que representava cento e cinquenta soldados. A maior parte do mapa estava coberta de carmesim e ouro. — A rebelião está praticamente esmagada. Se Baglen tem qualquer semelhança a inteligência, fugiu para Mirdia. Porque nos arriscamos a ceder um metro da nossa terra? Somos o Reino de Alond!

— Será que sete anos sentados confortavelmente nos vossos cavalos roubaram-vos os instintos como soldados? — Lorde Godred deu voz aos pensamentos de Alun.

A atenção de todos virou-se para aqueles olhos pálidos. Alun reparou num brilho selvagem neles, mas Lorde Godred não deixou transparecer qualquer emoção exceto calma. Calma gelada.

— Os rebeldes estão desesperados, até eu vejo isso com uma olhadela a este mapa, mas é isso mesmo que torna a exigência deles interessante. — Um sorriso começou a formar-se nos seus lábios. — O rei deu-me autoridade para lidar com esta rebelião como bem entendesse. E eu obedeci. Durante sete anos agi como júri, juiz e carrasco para os rebeldes de Baglen. Enviei milhares das suas almas para os Eternos para serem julgadas, enquanto vocês ficaram sentados nas vossas celas e viram as vossas fortunas a crescer.

Alun suprimiu o sorriso que se queria formar nos seus lábios ao ver a reação dos generais. A maior parte engoliu em seco.

— Os nossos batedores dizem que é bem possível que Baglen esteja aqui. Ele começou esta amaldiçoada rebelião, bem que pode estar aqui para ver o seu fim. E lembremo-nos de que não lhe falta coragem. — Lorde Godred traçou uma linha no mapa com um dedo, a sua expressão ofuscada pelas sombras à medida que as chamas dançaram novamente. — Cada lado envia um campeão para o duelo. Se eles ganharem, este pequeno pedaço de terra pertence-lhes. A rebelião está acabada, de qualquer maneira. Se nós ganharmos, acabamos por esmagar o que resta das forças deles e executamos cada um por traição contra Alond.

Um sorriso rasgado, como o de um lobo, perfurou a escuridão, vindo dos lábios de Lorde Godred.

— E, quem sabe, talvez Baglen seja o seu próprio campeão.

— Lorde Wren — começou o General Vallus no seu discurso lento e monótono. Alun sentiu algo mais ali. Impaciência? — Isto pode ser uma armadilha para vos atrair. Não podemos excluir essa hipótese. O povo vê-vos como o rosto das forças de Alond tal como veem Baglen como o rosto da rebelião. Estes rebeldes querem-vos atrair para vos executar.

— E acreditais que eles desejam testar a força dos nossos exércitos a partir daquele castelo patético? — Garth interveio na conversa, olhos duros. Alun não o podia censurar. — Não durariam uma tarde.

— Não importa — disse o General Diarmid. — Envia uma mensagem. Uma mensagem muito clara. E essa mensagem pode ter consequências durante gerações. Se alguém, do nosso lado, ou de Mirdia, pensar neles como mártires… então a rebelião de Baglen já teve mais sucesso do que alguma vez imaginámos.

Diarmid não falava frequentemente, mas Alun tinha de admitir que costumava concordar com o velho general. Os seus homens eram disciplinados, mostravam reverência aos comandantes dos exércitos e, acima de tudo, eram guerreiros destemidos. Mesmo assim, Alun não conseguia confiar no homem. Aqueles olhos pequenos viam demasiado. E ele tinha experiência. O mais velho dos generais. O seu cabelo era praticamente todo branco, ocasionalmente traçado de cinzento. Diarmid usava-o comprido. Fazia lembrar a Alun uma raposa branca. Não sabia dizer se Diarmid obedecia ao Lorde Godred por respeito ou se simplesmente porque o rei assim tinha ordenado. Um homem casado apenas com o seu dever era um homem perigoso. Era o que Garth costumava dizer. E Diarmid era esse homem ao extremo.

E não és tu também?

A voz soou pequena na sua cabeça, mas Alun assegurou-a de que as circunstâncias eram diferentes. O seu dever era o juramento prestado a Godred Wren. E ele veria esse juramento cumprido. Tinha-lhe sido dada uma segunda vida graças a Garth e Lorde Godred. Não era mais do que o seu dever certificar-se de que ambos estavam a salvo e assim continuariam.

— Não importa — disse Lorde Godred. — Concordarei convosco nesse ponto, Diarmid. Os rebeldes não podem ser vistos como mártires. Se esperam que eu atue como campeão, estão gravemente enganados. Posso achar a abordagem deles interessante, mas não sou suicida.

O sorriso lupino apareceu novamente.

— O nosso campeão virá da minha Casa. Os rebeldes vão ter o que queriam. De certa forma. E mais, muito mais.

— Senhor — Garth curvou-se na sua cadeira, fechando os olhos. — É sempre uma honra servir-vos. Mostrarei ao campeão dos rebeldes o que a Casa Wren…

— Não tu, Garth — disse Lorde Godred, os olhos a moverem-se para o canto onde Alun permanecia em atenção, observando o conselho. — Enfrentaremos os filhos da mãe no campo de batalha, se for necessário. E para isso preciso que lideres os teus homens.

Todos os olhos se fixaram em Alun. Ele queria mexer-se. Mudar o peso de um pé para o outro. Verificar se as espadas à sua cintura estavam bem presas e embainhadas. Contentou-se em olhar para as suas vestes de carmesim e ouro, uma cor que coincidia com o que o Lorde Godred e Garth vestiam. Eram consideradas vestes de montaria — o tecido mais leve e menos sufocante, usado em reuniões mais informais ou eventos de caça —, mas Alun sempre se sentiu mais à vontade com roupas que pudessem ser usadas em qualquer emergência.

— O vosso… irmão, Lorde Wren? — O General Vallus falou no seu ritmo arrastado. Alun notou o desagrado na sua voz. Suprimiu um esgar. — Todos sabemos o quão capaz é como guerreiro, mas isso não seria… arriscado? O futuro da vossa Casa…

— Sim, meu senhor. — Garth levantou-se e aproximou-se de Alun, de costas viradas para ele. Estaria a protegê-lo? — O futuro da Casa Wren…

— Será assegurado quando eu regressar a Wrendre com esta rebelião esmagada. — A voz de Lorde Godred estava contida, mas Alun já a ouvira o suficiente para saber que Garth desagradara ao herdeiro da Casa Wren.

— Tenho a certeza de que não me faltarão noivas para escolher.

— Claro, Lorde Godred. — Desta vez, a vénia de Garth foi ainda mais lenta e perdurou. Diarmid levantou uma sobrancelha.

— E tenho a certeza de que o meu irmão também não ficará sem escolhas, quando *todos* regressarmos a casa.

Uma noiva? Sou apenas um guerreiro, senhor. O vosso servo.

O conselho de guerra permaneceu em silêncio durante alguns momentos. As chamas das velas continuaram a devorar avidamente a cera à volta do pavio.

— Se ninguém se opuser à minha escolha de campeão… — disse Lorde Godred sorrindo para Alun, a mão movendo-se para o copo de vinho à sua

frente. O mesmo sorriso que lhe oferecera quando lhe dera o nome seis anos antes, as cinzas a caírem de um céu cinzento. — Tens medo do campeão deles, Alun? Queres que Garth ou eu ocupemos o teu lugar?

— Nunca, meu Senhor. — Alun ajoelhou-se como sempre fazia quando Lorde Godred se dirigia a ele. — Se os rebeldes escolherem enviar o resto do seu exército contra mim, irei enfrentá-lo com as minhas espadas em vosso nome e derrotá-lo pela honra da Casa Wren.

No limite da sua visão, Alun viu o sorriso lupino de Lorde Godred alargar-se.

— O meu irmão, generais — disse, a voz profunda e satisfeita, após um longo gole de vinho. — Não sei porque o meu pai o escondeu durante estes anos devido ao seu sangue bastardo. Podem ver porque o escolhi como campeão. O mais forte dos meus guerreiros e, sem dúvida, o mais leal.

Alun não teve tempo para estudar a reação de Garth. As abas da tenda abriram-se, não movidas pelo vento.

Alun desembainhou a sua espada mais longa à medida que se levantou, ignorando os olhares chocados dos generais na tenda. Apenas os olhos de Godred Wren se mantiveram calmos, fixos no seu «irmão».

A espada de Alun parou junto à garganta de um jovem vestido de couro vermelho, que mostrava sinais de desgaste, e um chapéu com uma pena dourada que o identificava como mensageiro das forças dos Wren. A cor na cara do rapaz desapareceu num segundo.

— Um mensageiro no conselho de guerra? — Garth pousou uma mão no braço de Alun que segurava a espada. — Mas os guardas lá fora estão a dormir?

— Exatamente o que pensei — disse Alun.

— É-é uma mensagem urgente! — O jovem mensageiro enfrentou os olhos de Alun, tentando ignorar a espada na sua garganta. — Os guardas deixaram-me passar! Por favor!

— O que pode ser tão urgente que se sobrepõe ao conselho de guerra? — perguntou Alun.

— Os rebeldes? — A voz de Diarmid era calma e fria como aço.

— Sabia que esta proposta dos rebeldes era uma distração! — exclamou o General Bedo.

— Posso mobilizar as nossas tropas imediatamente, se assim ordenares, meu Senhor — disse Garth, virando a cabeça na direção de onde Lorde Godred estava sentado. Alun retirou a espada do pescoço do rapaz, embainhando-a no cinto ao lado da sua irmã mais curta.

— Alguém vai deixar o rapaz falar? — A voz de Godred dançava à beira da exasperação. Alun estremeceu com o tom. Lorde Godred deve ter ficado terrivelmente desagradado não apenas com Garth, mas também com Alun, para permitir que alguma emoção — mesmo que a mais leve sugestão de uma fraqueza nos seus sentimentos — passasse para a sua voz.

— Meu Senhor. — O mensageiro ajustou o colete e camisola carmesins, ajoelhando-se.

Alun regressou à sua posição inicial, atento, mergulhando nas sombras. A observar tanto o rapaz como Lorde Godred. A ornamentada armadura de carmesim e dourado do herdeiro da Casa Wren captava todas as fracas luzes em cada uma das suas placas. Independentemente do calor, da ocasião ou do seu cansaço, Lorde Godred Wren era sempre visto pelos seus homens e generais adornado com armadura. Alun conseguia contar nos dedos de uma mão o número de ocasiões em que vira o comandante das forças de Alond sem ela.

Como se de repente se apercebesse de todos os olhos postos nele, o rapaz mensageiro limpou a garganta.

— Foi… Foi-me dito para vos entregar esta mensagem em privado, Lorde Wren.

Alun franziu o sobrolho, levando uma mão à sua espada novamente. *Um mensageiro que deseja estar sozinho com o Lorde Godred? Agora?*

— Não tenho segredos com o meu meio-irmão e o Intendente da minha Casa e Comandante conjunto das minhas forças — disse Lorde Godred, repousando a cabeça nas mãos enluvadas, o olhar claro fixo no rapaz. Garth assentiu, como se aprovasse as palavras. Já tinha servido o pai de Lorde Godred, o Lorde Mervayn, durante mais de uma década antes de o herdeiro ter atingido a maioridade. Garth também tinha servido como tutor de Lorde Godred, ensinando-lhe a arte das armas e da liderança e estratégia.

O herdeiro da Casa Wren era um homem de proporções intimidantes, coberto de cicatrizes nos braços e no rosto. Na verdade, mal tinha ultrapassado os vinte e sete anos. Garth tinha o dobro dessa idade. O olhar frio manteve-se no mensageiro.

— E confio nos meus generais o suficiente para me reunir com eles todas as noites nos últimos sete anos. Todas. As. Noites. Desde que fui encarregue de lidar com esta rebelião. Bem, o meu pai foi. Mas a sua saúde estava em declínio já naquela altura. E eu tinha mais que idade para lutar e liderar.

O mensageiro meditou nas palavras de Lorde Godred, ponderando também no que dizer em seguida. A pausa durou alguns momentos. Alun

estudou o rapaz. Talvez tivesse sido um erro ter dado ao mensageiro um ângulo claro para Lorde Godred… Se o rapaz tivesse uma faca escondida numa bota, por exemplo… E Alun estava a ter dificuldades em recordar se já tinha visto a cara daquele rapaz… Mesmo com os outros mensageiros…

— Esse é o motivo que me traz aqui, *Lorde Wren*… — o rapaz falou lentamente, enfatizando o honorífico. — É sobre o vosso pai.

Os olhos de Lorde Godred permaneceram iguais. Garth deu um passo em frente de onde estava, a sua cara a retorcer-se, uma mão a percorrer as madeixas de cinzento à volta das têmporas.

— O Lorde Mervayn? — perguntou, a voz a trair todas as emoções que estavam expressas claramente no seu rosto. Alun podia jurar que tinha ouvido o Lorde Godred a produzir um estalido com a língua, em vexação.

— Garth. — Apenas uma palavra. Murmurada num instante. Um calafrio percorreu a coluna de Alun. — Não és o destinatário desta mensagem, ou terei ouvido mal?

Garth estremeceu como se tivesse sido molhado com água fria. Virou-se. Ajoelhou-se. A preocupação ainda estava pintada no seu rosto quando as sombras o engoliram.

— Não, Senhor. Por favor, aceite as minhas desculpas. — Alun estaria presente quando Lorde Godred e Garth falassem sobre este incidente. Talvez ajudasse, talvez não. Mas Alun não queria que Garth enfrentasse o seu castigo sozinho. Era o mínimo que podia fazer.

— O que tem o meu pai? — perguntou Lorde Godred, ignorando a prostração de Garth. Alun reparou no Intendente a engolir em seco, os olhos a fecharem-se ao reconhecerem o desagrado do seu mestre.

— Lorde Wren. — O mensageiro continuou, arrastando as palavras. Apesar de uma voz tímida, o rapaz tinha determinação nos seus olhos escuros. Alun sentiu que toda a gente na tenda já saberia que as notícias não seriam boas. — O Lorde Mervayn faleceu. Que os Eternos guardem a sua alma e memória. Parti de Wrendre assim que fui informado.

O ambiente na tenda ficou pesado. Ainda mais. Uma onda de silêncio que lentamente se focou em Lorde Godred, todos os olhos a encontrarem o novo Senhor da Casa Wren. Lorde Godred limitou-se a reajustar-se no seu lugar, como se estivesse desconfortável.

— Vim o mais rápido que consegui, trocando de cavalos em cada cidade, vila e aldeia por onde passei — continuou o mensageiro. — Quando viram a sua insígnia, Lorde Wren, orgulho-me de reportar-vos que nada me foi negado. Levei apenas cinco dias a chegar ao vosso acampamento.

— Cinco dias, então…— disse Lorde Godred, após uma breve consideração. — Tenho sido o Senhor da Casa Wren há cinco dias…

Os seus olhos pálidos encontraram Alun.

— Agora és o meu herdeiro, Alun, visto que não tenho descendentes. — O olhar virou-se para Garth. — Parece-me que, quando regressarmos, as tuas responsabilidades vão aumentar, Garth. Não tenho experiência em governar e tributar as terras do meu pai. Ele deve ter deixado instruções algures.

Garth estava prestes a responder quando o mensageiro continuou.

— Meu Senhor. Era desejo de vosso pai que estivésseis presente nas cerimónias fúnebres. Essa é a mensagem que trago. O seu último desejo.

Os olhos pálidos de Godred Wren permaneceram no mensageiro. Era preciso determinação e força para segurar aquele olhar. O mensageiro olhou para o chão. Mas Alun acreditava que o novo Senhor da Casa Wren não estava focado naquele rapaz.

— Obedecer ao desejo de um pai ou obedecer ao rei… — disse finalmente. Levantou-se da cadeira, a sua armadura carmesim e dourada a tilintar ao mínimo movimento. Os outros generais trocaram olhares, incertos de como reagir.

— Meu Senhor — começou Garth, a sua voz cheia de reverência. Dirigia-se às costas de Lorde Godred, viradas para o conselho e o mensageiro, a sua parte frontal engolida pelas sombras. — Este é o meu conselho, como Intendente da Casa Wren. Como o vosso antigo tutor. Os laços familiares estão ligados ao sangue. Antes de vos servir, tive a honra de servir o vosso pai. E ele ensinou-me a importância do sangue na vida de um homem.

Se Garth tinha a intenção de não deixar a emoção tomar a sua voz, então estava a falhar.

— Lembro-me de como o vosso pai falava de vós, das expectativas que tinha desde o momento em que nascestes. Como o Lorde Mervayn esperava que tomásseis tudo o que ele tinha conseguido acumular em vida e usásseis isso como base para construir o vosso legado.

— Ele estava terrivelmente receoso do fardo da paternidade, mas tinha a convicção de que faria tudo o que pudesse para que tivésseis o que teríeis precisado para ser o homem que sois hoje. Que as relações que ele tinha construído no reino de Alond seriam fortes quando herdásseis as responsabilidades da Casa. Como Intendente, juro aos Eternos que irei ver esta rebelião esmagada e eu e o vosso irmão regressaremos a Wrendre com a

boa notícia de que o dever que jurastes ao rei foi cumprido. Não negueis o último desejo do vosso pai.

— É engraçado que — a voz de Lorde Godred estava grávida de veneno, mas mesmo assim não se virou — toda essa conversa sobre a importância do sangue nunca chegou aos meus ouvidos. O medo da paternidade deve ter realmente assolado o meu pai, porque nunca falou comigo tão francamente como fizeste agora. Nunca soube desses medos, desses desejos que afirmas ter tido por mim. Tudo o que conheci do *Lorde* Wren…

Godred praticamente cuspiu o título do seu pai.

— Foi um olhar frio, a aprovação ocasional e uma distância emocional maior do que o Hridalvrir!

— Meu Senhor — insistiu Garth. Alun arrepiou-se com o tom. — Posso jurar que tudo o que disse é ver…

— Foste mais um pai para mim do que ele alguma vez foi! — Lorde Godred não gritou, mas a sua voz fez tremer os alicerces da tenda. — Como tal, ele não tem o direito de reivindicar quaisquer desejos finais para comigo! Especialmente agora que está morto.

Godred fez uma pausa.

— Que os Eternos guardem e julguem a sua alma. Até que a memória se desvaneça…

Garth encolheu-se, derrotado.

— Isto é o que vai acontecer — continuou o Lorde Godred, o seu tom repleto de finitude. — Isolde tratará da cerimónia fúnebre do meu pai, além das suas responsabilidades com os domínios dos Wren, como fez nos últimos sete anos. Continuaremos a esmagar a rebelião como temos feito. Alun derrotará o campeão do inimigo amanhã. E, durante o resto do verão, procuraremos cada um daqueles rebeldes e iremos colocá-los sob uma espada ou a forca. Porque *eu* pretendo manter as relações do meu pai em Alond intactas. Depois disso tudo, regressaremos a Wrendre.

Lorde Godred virou-se, encarando cada homem naquela tenda com um brilho desafiador nos seus olhos pálidos.

— E, quando tivermos paz… — continuou, o seu rosto sem expressão e a servir de palco para as sombras e luz —, pensarei nos laços de sangue. E no luto que prestarei ao meu pai.

CAPÍTULO 4
A CORRENTE

Aelwen tentou recordar uma altura em que o verão não cheirava a um quarto abafado e a suor. Não era difícil invocar as memórias, mas Aelwen preferiu não se cortar nas arestas afiadas daquelas recordações. *Há seis anos, eu era uma rapariga tola. Fraca.* Talvez ela não pudesse dizer que era uma mulher forte agora, mas a passagem do tempo tinha endurecido as suas próprias arestas, ensinando-lhe lições que tinham servido como vergastadas — dolorosas, mas necessárias para a disciplina. Era costume em Wrendre que as mães ou avós castigassem assim os filhos indisciplinados. Eira nunca acreditara em disciplinar através da violência física. Mas ela tinha outras formas.

Aelwen acreditava que tinha precisado de se fortalecer tanto quanto necessitara de respirar para existir nos últimos seis anos. *E não me arrependo de nenhuma dessas lições.*

Lençóis mexeram-se à sua direita. O homem — cujo nome era um borrão na mente de Aelwen — estava a despertar, soltando gemidos suaves. O calor do corpo dele arrefecia junto à sua coxa direita.

A forte luz do dia de verão penetrava pela janela, cortando as cortinas empoeiradas com raios dourados, fazendo com que partículas dançassem quando uma brisa, quente e desagradável, ousou entrar através da pequena fenda na sua abertura. Algumas flores de cerejeira estavam a cair, aglomerando-se junto das árvores que eram teimosas de mais para parar de florescer apesar de o tempo da primavera já ter passado. Aelwen conseguia reconhecer alguns sons da aldeia se concentrasse a sua audição — além da respiração e dos gemidos do homem à medida que ele acordava completamente. Wrendre seguia com os seus afazeres enquanto o Sol se demorava no céu do meio-dia. A maior parte das pessoas estaria a sair das bancas do mercado — incluindo Cai —, já que o calor em breve se tornaria insuportável. A mãe de Aelwen iria procurá-la em breve. Elas almoçavam sempre as duas ao meio-dia. Ela talvez não notasse, ou fingiria não notar, o cabelo rapidamente penteado de Aelwen. Alguma nódoa ou marca no pescoço. O batom reaplicado. O leve cheiro de suor.

Algo em mim mudou fundamentalmente naquele dia. Pelos Eternos, acredito mesmo nisso. Talvez tenha mudado, ou talvez Aelwen tenha nascido assim. Quebrada. Talvez o seu corpo não fosse a única coisa quebradiça. Ela tinha vivido o suficiente para ver e conhecer outras raparigas que tiveram vidas mais difíceis ou piores do que a dela... Mas, mesmo assim…

Ela respirou fundo, forçando a tranquilidade de volta à mente. Superando pensamentos errantes. Isto era o que ela tinha ambicionado: transformar o coração em aço, compreender os homens, compreender Wrendre, compreender o mundo... Há seis anos, todo o processo tinha feito sentido na sua cabeça. Parecia alcançável. Mas quanto mais o tempo passava, mais perguntas a mente trazia, sem serem convidadas ou desejadas.

Ela olhou para o homem enquanto ele atirava os lençóis para trás e se sentava na cama, a sua pele nua virada para Aelwen. Toda a vila acreditava que ela era frágil e fraca por causa da sua aparência. Especialmente os homens. Ela já sabia o quanto isso provocava sentimentos de proteção sobre ela. Sentimentos que rapidamente se transformavam em sentimentos de posse. E quando estavam com ela... a proteção desaparecia. Apenas a posse permanecia. Se ela indicasse o menor consentimento, não hesitavam em marcar o seu corpo. Porquê? Será que era isso que tinha faltado a Cai quando traíra a mãe de Aelwen com aquela… *Para com isso*.

— Dizem que o Lorde Wren vai finalmente regressar. — O homem dirigiu-se à janela, os seus passos a ecoar no soalho de madeira enquanto ele permanecia nas sombras, o seu pescoço a balançar de um lado para o outro enquanto se certificava de que não era visto.

O olhar de Aelwen voltou para as pétalas de cerejeira que dançavam ao vento, caindo onde os seus olhos não as podiam alcançar.

— Quem são «eles»? — Aelwen começou a ficar arrependida por não se lembrar do nome dele. Recordar o nome de um homem fazia coisas ao coração dele que mantê-lo na cama não fazia. Em alguns casos, poderia ser ainda mais eficaz do que a memória do encontro, mas Aelwen tinha a certeza de que não queria fazer isso com este homem. Mesmo assim, sentia que estava a ser rude.

— Aber, Tomi — ele virou-se, a luz a cair sobre o seu peito musculado e o rosto. Gotas de suor repousavam na pele, tornando toda aquela imagem algo agradável ao olhar. *Elgan! Elgan é o nome dele! O aprendiz do ferreiro!* Trabalhar na forja tinha feito maravilhas ao corpo. — Na forja?

— Eu sei, Elgan — Aelwen mostrou-lhe um sorriso atrevido.

Ele sorriu de volta. Um sorriso de rapaz para alguém que era mais